

# Ambivalências do desejo

## Vida de Mulheres - cotidiano e imaginário

MASSI, Marina.

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

O mercado editorial continua sendo brindado com trabalhos acadêmicos originais e interessantes, que vêm corroborar o mérito, por vezes injustamente questionado, das teses de mestrado e doutorado, cujo conteúdo seria, por assim dizer, inversamente proporcional ao investimento em tempo e recursos exigido para sua realização. A dissertação de mestrado de Marina Massi apresentada ao Instituto de Psicologia da USP e agora publicada em livro, sob o título *Vida de Mulheres*, dá a exata medida do alcance dos bons trabalhos acadêmicos.

Partindo da constatação de uma crise nas representações do Masculino e do Feminino, crise essa que parece ampliar e aguçar os conflitos entre os sexos brechando a construção de novas identidades de gênero, a autora, psicanalista de formação, procura detectar o que vai pelo imaginário de mulheres de classe média, formadas na universidade, com experiência de casamento e de maternidade. Em outras palavras, quem são essas mulheres que, feministas ou não, invadiram o mercado de trabalho, reclamam igualdade, procuram conciliar afazeres domésticos e carreira profissional e parecem transitar com sofreguidão entre velhos papéis nunca abandonados e novas responsabilidades jamais plenamente assumidas porque interiorizadas antes como necessidades do que como desejos.

Os depoimentos nos soam familiares, trazendo uma narrativa marcada pelo conflito íntimo do que 'já não é mais, ainda sendo'. Desconforto, frustrações, solidão, ambigüidades das novas práticas de vida que encerram, muitas vezes, significados outros que o da busca da individualidade e da independência. Mais do que surpreender, assusta constatar que poucas mulheres entrevistadas elaboraram para si um projeto profissional e um projeto de vida para além da

maternidade e da família. Para a maioria, o trabalho ainda é uma forma de escapar ao dia-a-dia repetitivo e enfadonho do lar - "se eu não fizer qualquer coisa (trabalho), eu enloqueço, acabo pirada" (Clara) - ou um meio de desenvolvimento e realização pessoal, de caráter bastante humanista e cultural. O que trata da esfera do público ainda é desvalorizado em relação ao privado, como se fosse possível construir uma utopia a partir deste, sem considerar aquele.

A clivagem central, constata Massi, continua sendo a cisão entre o que é a nova mulher vitoriosa na esfera pública, cuja competência e eficiência são crescentemente reconhecidas, apontando para uma atenuação dos diferenciais entre os sexos, e a dona de casa enclausurada na ordem simbólica do privado, no cotidiano doméstico-familiar que é presidido pela ideologia dos cuidados, sejam eles de maternagem ou de "esposação", e onde a assimetria e a hierarquia regulam funções e representações. É essa descontinuidade, conceito tomado de empréstimo a Nicolaci-da-Costa, que marca a vivência das mulheres modernas. Descontinuidade entre os modelos adquiridos do que deve ser a mulher de hoje e os antigos sistemas simbólicos, interiorizados com base numa divisão tradicional de papéis sexuais.

É possível afirmar que praticamente inexistente a relação solidária ou simétrica entre cônjuges com referência à organização da vida doméstica e cotidiana" (p.73) diz a autora, com base na interpretação de longos relatos femininos sobre a oposição lar x casa, trabalho x trabalho profissional, casamento x vida sexual. Uma única exceção viria confirmar a regra: "Em nossa sociedade, as mudanças no comportamento dos maridos parecem ter-se processado mais significativamente nas relações com os filhos, mantendo-se resistentes quanto ao trabalho doméstico" (p. 75). Mas trata-se aqui dos filhos que já se encontram individuados, autônomos, que já concluíram a fase da maternagem inicial, aquela que cabe exclusivamente às mulheres. No lastro de Chodorow (*Psicanálise da Maternidade*), Massi in-

siste em que a maternagem não pode ser vivenciada solitariamente pelas mulheres - não há argumentos biológicos que o apoiem -, pois é através da socialização primária que o modelo tradicional é perpetuado.

Como diz Cândida, num dos muitos depoimentos tão bem apresentados por Massi, seria preciso "um repensar da vida do casal e não só da vida da mulher" (p.63). Um repensar que, segundo a autora, exige que homens e mulheres sejam conjunta e intrinsecamente "mães" na criação dos filhos. Função social que, na verdade, alguns homens já vêm desempenhando com certo sucesso, à imagem das mulheres no mercado de trabalho, quando divorciados ou sozinhos. Mas que no cotidiano da domesticidade compartilhada parece impossível de ser alcançado.

Outro aspecto bastante interessante do livro são os relatos sobre o feminismo, identificado reiteradamente como um movimento "chato" (Estela), "ridículo" (Silvia-grupo 1), "que atrapalhou, e muito, a minha vida" (Beatriz). Na melhor das hipóteses, um movimento de defesa dos direitos humanos e da cidadania em geral. É curioso que um movimento dito de classe média desde os seus primórdios, e por isso mesmo carregando, à época, o pecado capital de não se originar das massas populares, logo, condenado a não se constituir num movimento estratégico de transformação social, seja percebido e representado por mulheres da classe média paulista, instruídas e formadas na luta contra o autoritarismo, como algo absolutamente equivocado, negativo, estigmatizado. Que lhes é mesmo estranho. Todo sentimento contrário é exceção, marginal nas representações que dominam o imaginário coletivo dessas mulheres. Nenhuma declarou-se feminista.

É pena que tenha faltado a Massi um fôlego maior para aprofundar tal questão. Concordamos com ela que o feminismo "não enfrentou suficientemente a questão da fa-

mília e do cotidiano privado" (p.186), mas isso fica a quem do que gostaríamos de descobrir. Está explicitado, com maior ou menor evidência, dependendo do relato, que o feminismo é também um dos grandes responsáveis por essa ambivalência do desejo que hoje assalta as mulheres, e que as obriga a romper com a unidade de uma identidade passada, sem dar-lhes as condições de construir um novo registro identitário. Um processo de desterro: auto-exílio do recesso do lar e insulamento na esfera pública. Cabe, então, perguntar: por que, mais uma vez, a culpa volta a cair sobre as mulheres - algumas, é claro -, já que são elas os sujeitos desse movimento sexuado, o feminismo, que parece engendrar tantos desconfortos?

Esse tom conservador não deixa de ser desconcertante na boca, justamente, de mulheres contemporâneas das mudanças mais radicais nas relações entre os sexos por que passaram as sociedades ocidentais. Mudanças que se inscreveram no legado da modernidade e que nutriram o ideal de igualdade. Teria sido estimulante dispormos também de depoimentos feitos por homens que dessem conta, por sua vez, da crise das representações do Masculino e do Feminino. Provavelmente, trariam mais água para o moinho dos que identificam no feminismo a origem de muitos e "insolúveis" problemas. Mas talvez deixassem transparecer nesse *imbroglío* existencial resgates e conquistas de vivências antes impossíveis. Não custa interrogá-los numa próxima vez. Por enquanto fica a pergunta que a própria Massi formula na conclusão do seu livro: "O que pode, então, (ess) a mulher? Pode tudo que foi alcançado por todas as mulheres até hoje, pode até onde o feminismo conseguiu pensar a emancipação da mulher e do feminino. Mas, infelizmente, ainda não é o suficiente."

LENA LAVINAS ■